

## “Trás-os-Montes”, A Identidade de um Povo ao Abandono

David Bonneville

**A** *Cinémathèque Française* apresentou, de 9 a 20 de Outubro, um ciclo de filmes, intitulado *Trás-os-Montes*. Organizado pelo realizador Ricardo Costa, este ciclo faz homenagem aos cineastas nortenhos Margarida Cordeiro e António Reis. Reúnem-se obras que combinam o desejo de filmar e de fixar apaixonadamente as gentes da nossa terra; filmes esses realizados, alguns, no período da ditadura Salazarista (como *O Acto da Primavera* e *O Pão*, de Manoel de Oliveira) e outros já na pós-revolução dos cravos (como *Silvestre* de César Monteiro, *Vilarinho das Furnas* de António Campos, *Longe é a Cidade* do próprio Ricardo Costa e vários outros cineastas homenageados).

*Trás-os-Montes* (1976, 111' cor) de Cordeiro e Reis é um filme-documentário que retrata o nordeste de Portugal, da vida dos seus aldeões, indissociáveis ao lugar onde trabalham e habitam. Com um olhar sincero e simultaneamente empático, esta parelha revela a extraordinária beleza da região agreste a par com a aguda problemática do êxodo rural, da fuga para as cidades, nacionais ou estrangeiras.

A relação dos transmontanos com a natureza é tão próxima que se perdem as hierarquias e até distinções. As casas em que vivem emergem da pedra da montanha, estabelecendo um prolongamento do próprio material, e as crianças lêem livros, brincam e correm ao lado dos animais do monte (gansos, burros, ovelhas). Mantêm um relacionamento táctil e físico com o território, comprovado nas roupas que vestem e no *modus vivendi*: nas profissões, jogos e tradições.

Contudo, os hábitos e costumes deste grupo foram desaparecendo com a emigração dos jovens depois dos anos 60 e este filme tem como tema central a fuga, a perda, o *afastamento*. É com a ausência *desses lugares*, para onde partiram os emigrantes, proferidos em off pela criança no barco de pesca, desses países que estão do outro lado das montanhas ('Espanha', 'Alemanha'), que Reis nos revela a importância da comunidade que vai sendo anulada, deixada. "O universo cinematográfico de António Reis revela isto mesmo: não é a realidade, é a sua evocação. Ou antes, a evocação do espírito dela, feita por um poeta do olhar que, nostálgico, vê - ama - o real desaparecido"<sup>1</sup>. Não se trata, porém, de um filme-museu que preserva na película as tradições já esquecidas de um povo morto ou em extinção, mas mais precisamente de uma chamada de atenção para o estado da região. O pai ausente pode estar na Argentina, no país vizinho ou na mina: ele está sempre fora de campo, fora do plano, "está, no cinema, para sempre perdido"<sup>2</sup>.

Todo o filme é, porém, uma ode à natureza - à sua beleza e à sua dureza, um poema topográfico que se inicia com um belíssimo *travelling* das montanhas com um céu azul em tons de aguarela. O rio flui, o sol brilha. A neve serve para as crianças brincarem, mas

também para estragar os alimentos; a rocha apresenta as suas propriedades minerais multi-coloridas, magníficas, e apresenta-se também como uma barreira às terras adjacentes, ao resto da Europa, terras que não se conseguem avistar e para onde emigraram muitos conterrâneos - o filme, alia a grandiosidade do prazer estético, paisagístico e natural aos ásperos factos sociais e culturais da comunidade.

E é neste gozo sensitivo, neste carácter cru e no jogo de tonalidades frias e quentes que Reis e Cordeiro mostram a dureza de viver (ou não) em Trás-os-Montes.

Já perto do final, numa atitude conclusiva, a aldeã exclama num tom desgostoso "não fica aqui ninguém" ●

<sup>1</sup> SILVA, Rodrigues da - "Um adeus Português" in *O Olhar de Ulisses* - o som e a fúria, nº2, Porto 2000, p.82.

<sup>2</sup> DANÉY, Serge - "Longe das Leis", ob.cit., p.78

